

# a mansão dos segredos

mary ellen taylor

Tradução de Isabel Penteado

*No inverno profundo, finalmente percebi  
que dentro de mim jaz um verão invencível.*

— ALBERT CAMUS



Julia Tatum 1870-1915   ←••—C—••→   George Buchanan 1870-1919   ←••—C—••→   Elizabeth Lawrence 1880-1919

✠ Catherine Claire Hedrick 1888-1990   ←••—C—••→   Robert Buchanan 1885-1917

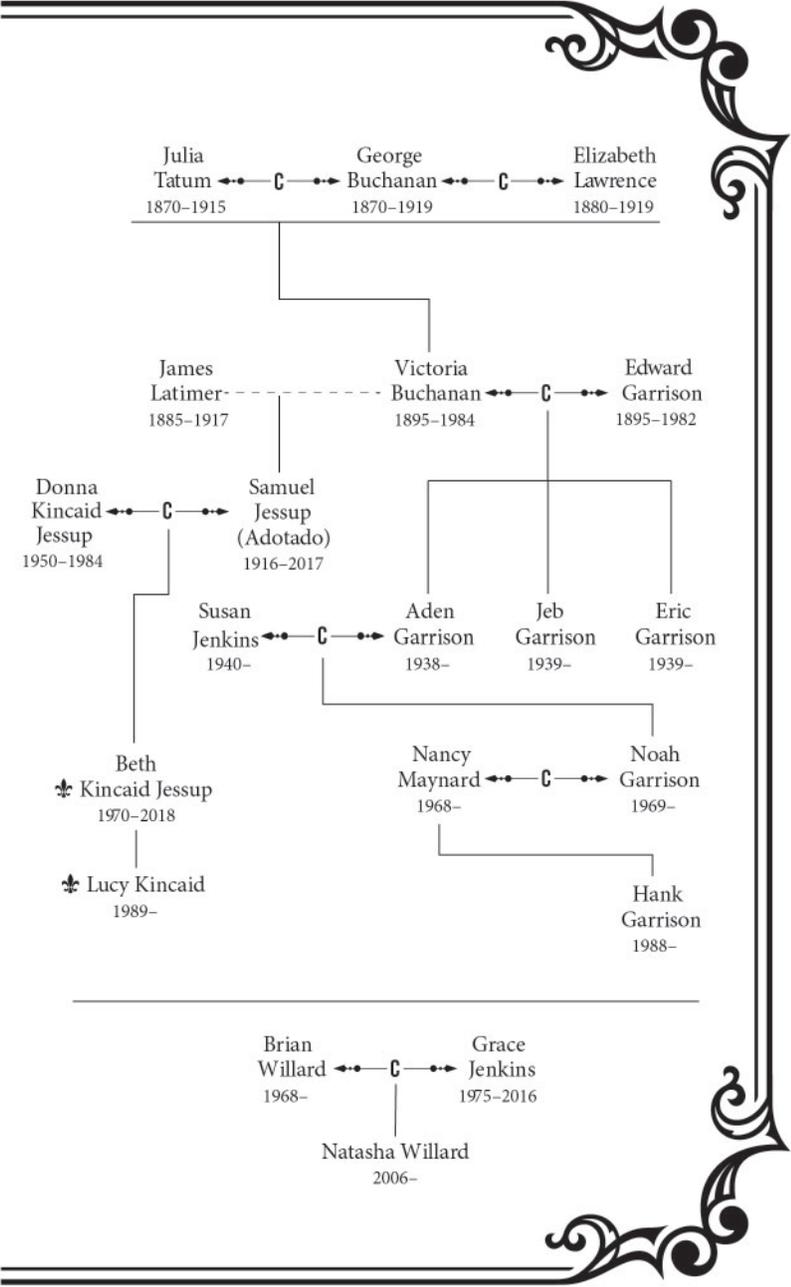
Amanda Blake 1935-1974   ←••—C—••→   Robert Buchanan, Jr. 1917-1974

Sandy Talley 1969-   ←••—C—••→   James Buchanan 1969-

Megan Deacon 1990-   1992-

LEGENDA

- ✠ Personagens
- ←••—C—••→ Casamento
- Progenitor(es) de
- Relação com





CAPÍTULO  
UM



Sra. Catherine Buchanan

*2 de maio de 1988*  
*Cape Hudson, Virgínia*

**N**a costa da Virgínia, num quente dia de primavera, a Sra. Catherine Buchanan acomoda os seus ossos cansados na sua cadeira de ba-loiço de verga. Com dedos nodosos, mas precisos, ajeita cuidadosamente o seu vestido de malha verde. Está vestida para aquela ocasião, mas, por mais que se aperalte, nunca poderá chegar perto da beleza selvagem da rapariga sentada à sua frente.

A rapariga tem olhos azuis penetrantes, e os seus lisos cabelos louros trazem à memória da idosa o tempo em que os seus finos cabelos brancos eram uma indomável massa de espessos caracóis ruivos, que lhe tombavam sobre os ombros bronzeados e os seios firmes e roliços. Era uma jovem cheia de sonhos e esperança e também ela conheceu o toque sensual de um homem. Nunca foi tão deslumbrante como aquela rapariga, mas teve o seu quinhão de apaixonados.

A rapariga chama-se Elizabeth Kincaid Jessup; Beth para os amigos. Pergunta à Sra. Buchanan se pode gravar as suas histórias com uma câmara de vídeo emprestada pela biblioteca do liceu. É para um projeto de história viva, diz ela, acrescentando rapidamente e com refrescante sinceridade que precisa da nota máxima e que, por isso, não lhe omita as partes boas.

Mãos jovens desenrolam cuidadosamente o fio que liga o microfone à câmara. A rapariga tem um sorriso malicioso que a faz lembrar uma outra rapariga que ali viveu há muito tempo. E, assim como acontecia

com a outra rapariga, correm rumores sobre Beth. Dá-se com libertinos, bebe e foi vista com vários rapazes na vila, alguns deles não muito recomendáveis.

Raparigas como Beth pensam que inventaram a rebeldia. Julgam que foram as primeiras a ignorar as regras, mas estão simplesmente a reinventar uma roda que gira há centenas de gerações.

— Posso prender isto à sua gola? — pergunta Beth. — Captará melhor o som quando a senhora falar.

— Claro.

O olhar de Beth é atraído para o candelabro e seguidamente para um retrato de uma jovem vestida de noiva. O quadro está pendurado por cima da lareira de mármore cor de pérola que um pedreiro francês embelezou com flores, ornatos espiralados e folhagem.

A Sra. Buchanan não precisa de olhar para ver o retrato. É ela a mulher do quadro que usa um vestido de cetim branco com um corpete perolado e uma túnica de renda. Entrançados nos seus caracóis ruivos estão fios de pérolas e uma cascata de tule que embeleza o chão atrás de si. O retrato foi pintado precisamente naquela sala.

— Lembra-se de quando foi pintado? — pergunta Beth.

O sorriso tímido da idosa é para o homem que amava.

— Sim, lembro-me de tudo.

A rapariga ajusta a focagem enquanto espreita para dentro de uma lente e depois instala-se no chão, cruzando as pernas com facilidade.

— A senhora vive junto à baía há quase cem anos.

— Sim, praticamente.

Beth sorri.

— Ouvi dizer que sabe onde estão escondidos todos os esqueletos.

— Esqueletos?

Beth encolhe os ombros.

— É maneira de dizer. Não me refiro a esqueletos de verdade. Refiro-me às histórias suculentas desta região.

A Sra. Buchanan endireita-se, mas mantém a expressão controlada.

— Sim, tenho histórias. E talvez haja um ou dois esqueletos escondidos nessas histórias.

— A sério?

Os segredos afloram à medida que o tempo afrouxa as amarras. Já não resta ninguém vivo para proteger.

— Podemos começar?

A rapariga aclara a voz e prime o botão de gravação.

— *Sou Beth Jessup, aluna do último ano do Liceu de Cape Hudson. Este é o meu projeto de exame final para a disciplina de História da Sra. Reynolds. Vivo na costa oriental da baía de Chesapeake, no estado da Virgínia, e hoje vou entrevistar a Sra. Catherine Buchanan, que nasceu em Cape Hudson em 1888. Sra. Buchanan, pode falar-me da sua família?*

A cadeira de baloiço range quando a Sra. Buchanan se inclina ligeiramente para a frente.

— *A minha mãe chamava-se Addie Smith e o meu pai, Isaac Hedrick. Quando o meu pai não estava a fazer trabalho de carpintaria, estava a navegar com a marinha mercante. Sou a mais velha de sete irmãos, e a minha mãe morreu quando dava à luz o seu último filho, tinha eu doze anos.*

A rapariga ergue o olhar, e os seus olhos azuis revelam a dor da perda da sua própria mãe. À primeira vista, podem parecer um par estranho, mas, tirando o dinheiro e a diferença de idades, são simplesmente duas raparigas órfãs de mãe e sedentas de amor.

— *O que aconteceu depois de a sua mãe falecer?*

— *O meu pai não podia ir para o mar e cuidar também de sete filhos, por isso entregou-nos aos cuidados de outros. Os rapazes foram entregues aos Jessups, um casal sem filhos que mora na vila. As minhas irmãs foram viver com famílias do continente, e eu fui trabalhar para os Buchanans.*

— *Deve ter sido terrível.*

A Sra. Buchanan enterrou essa dor há muito tempo e não é vontade sua voltar a lidar com ela. Contudo, quando concordou com a entrevista, prometeu a si mesma que a verdade não morreria consigo.

— *Os Buchanans levaram-me com eles para Nova Iorque. Eu sentia muitas saudades de casa. A cidade era barulhenta. Luminosa. Não consegui dormir bem durante meses. Mas acabei por me adaptar e seguir em frente.*

— *Voltou a ver as suas irmãs e irmãos?*

— *Sim, mas passado muito tempo.* — As palavras ficam suspensas entre as duas por vários segundos antes de Beth aclarar a voz.

— *O que fazia para a família Buchanan?*

— *Ajudava as camareiras das senhoras e, mais tarde, tornei-me camareira pessoal da menina Victoria.*

— *Quem era Victoria?*

Uma brisa agita discretamente as cortinas de tafetá e ela sente a

presença dos espíritos que nos últimos meses têm rondado mais perto. Dores antigas balançam como boias distantes.

— *A filha do Sr. Buchanan. Mais tarde tornar-se-ia minha cunhada. Na verdade, tu lembras-me a Victoria. Ela era irrequieta como tu.*

Beth esboça um sorriso matreiro, como se tivesse sido apanhada.

— *O que lhe aconteceu?*

A idosa sorri, agradada com a genuína curiosidade da rapariga.

— *Se voltares noutro dia, talvez te conte.*

— *A senhora não me contou quase nada hoje.*

— *Se queres saber mais, terás de voltar cá. Estou velha. Canso-me com facilidade.* — Quando muito, uma meia verdade. Ela quer voltar a ver a rapariga. Gosta de falar com ela.

— *Trabalho no restaurante de tarde. Não posso voltar cá.*

— *Então pagar-te-ei. Considera isto um novo trabalho.*

A desconiança nos olhos da rapariga traz-lhe à memória uma raposa selvagem que o pai capturou uma vez numa armadilha iscada com peixe.

— *Sou uma empregada de mesa bastante boa, Sra. B. Consigo belas gorjetas.* — Beth apresenta um valor, mas parece esperar algum regateio.

— *De acordo.*

Beth arregala os olhos azuis.

— *A sério? Só tenho de gravar enquanto a senhora fala?*

— *Correto. E sê pontual.*

Beth parece estar à espera de um senão. Quando percebe que não há nenhum, diz:

— *Aceito o trabalho. Mas tem de me pagar à medida que formos gravando.*

— *Certamente. Podes voltar nesta sexta-feira?*

— *Claro.* — A rapariga olha novamente para o retrato e pergunta: — *Foi amor à primeira vista?*

A Sra. Buchanan fica em silêncio por um longo momento. O rufo dos segredos fica mais forte.

— *Sim. Mas não foi amor pelo meu marido, Robert.*

Os olhos azuis de Beth avaliam a situação, tal como os da raposa quando farejou peixe fresco na armadilha.

— *Foi por quem?*

— *Até sexta-feira.*

CAPÍTULO  
DOIS



Lucy

15 de janeiro de 2018  
Cape Hudson, Virgínia

Lucy Kincaid chegou com uma tempestade de nordeste pelas costas, cujos ventos cortantes carregavam os odores a uísque do Tennessee, a bares fumarentos, a donutes glaceados com recheio de chocolate, a hambúrgueres cozinhados numa chapa gordurosa e à repugnante doçura da morte.

Os dedos gélidos dos resquícios da tempestade roçaram-lhe as faces, despertando-a de uma noite de sono agitado. Lucy levou a mão ao rosto e olhou para a bruma que se alçava sobre os altos juncos à beira das águas turbilhonantes da baía de Chesapeake. Estava dentro do seu *Jeep*, estacionado no lugar que ela havia escolhido nas primeiras horas da manhã. Ao seu lado estava *Dolly Parton* — a pastora-alemã da mãe, com dois anos —, a dormir tranquilamente aninhada debaixo da manta. Os bancos traseiros estavam apinhados com tudo o que tinha: uma mochila cilíndrica cheia de roupa, blocos de desenho, a guitarra da mãe, um saco-cama e um saco de mercearia cheio com refrigerantes, manteiga de amendoim e *bagels*. Entre os bancos estava pousado o velho taco de basebol de madeira, apelidado de *Peacemaker*, e, ao lado, a urna de metal que continha as cinzas da sua mãe.

Quando, pouco depois das duas da manhã, Lucy atravessara os vinte e sete quilômetros da Bay Bridge-Tunnel em direção à costa oriental, as ondas estavam agitadas e as rajadas de vento haviam-na obrigado a abrandar e a ligar as luzes de perigo. A meio da ponte, sobre uma vastidão

de água e sob um manto de estrelas, ela sentira que o universo a desafiava a voltar para trás. Mas, acima de tudo, Lucy era teimosa e nunca retrocedia perante um desafio.

Uma vez chegada ao outro lado, era já demasiado tarde para ir ao encontro do homem que fora procurar e não tinha dinheiro suficiente para pagar um quarto de motel. Um troço de estrada vazio, ao lado de um celeiro próximo da baía, havia servido. Quando desligara o motor, para poupar o que restava de combustível, havia descoberto que sem o aquecimento ligado o ar no interior do jipe gelava rapidamente.

Sob a luz de uma lua cheia que pairava sobre águas agitadas, ela tapara *Dolly* e a si mesma com a grande manta usada da mãe e havia tentado dormir enquanto a chuva batia contra o veículo.

Lucy estremeceu, aconchegou-se melhor na manta e olhou fixamente para o sol que nascia em tons de laranja e dourado sobre as águas que se estendiam até ao horizonte. A chuva havia cessado e a luz do novo dia dançava sobre as pontas dos sargaços gelados vergados pelo vento que agitava as águas ondulantes da baía.

— O que te parece, *Dolly*?

*Dolly* levantou a cabeça e bufou antes de voltar para o calor da sua manta.

— Vamos ter de adorar este lugar. É tudo o que temos por agora. — As contas dos tratamentos médicos da mãe haviam esgotado as poupanças de Lucy, deixando-a com cem dólares no bolso, um quarto de depósito de combustível e a melhor possibilidade de emprego a mil e seiscentos quilómetros de distância, em Nashville. Desarreigar a sua vida e recomeçar simplesmente, ainda que por pouco tempo, era uma loucura e o tipo de coisa que a mãe havia feito muitas vezes.

Lucy olhou para a urna baça em segunda mão, que o dono da agência funerária lhe havia vendido por trinta dólares. Apresentava uma grande moosa no topo, que tinha qualquer coisa que ver com uma disputa entre duas mulheres e um marido morto. A história dramática da urna teria agradado à sua mãe e o preço fora adequado.

A mãe havia falecido duas semanas antes com um tumor no cérebro. Nunca havia estado doente na vida, por isso atribuíra a primeira enxaqueca à meia garrafa de uísque de centeio que bebera na noite anterior. A falta de sono havia explicado a seguinte. A terceira deixara-a incapacitada por vários dias e levava-a a ligar a Lucy, que era gerente num bar de música *country* da Baixa de Nashville. A visita às urgências havia levado

a uma ressonância magnética, que nenhuma das duas podia pagar, e à devastadora notícia de que o tumor era maligno e inoperável.

Em novembro, Lucy havia deixado a sua casa e mudado para o pequeno apartamento da mãe. Havia administrado analgésicos, confortado a mãe e esperado pelo fim. No seu último dia juntas, Beth havia-se mexido. Havia aberto os olhos e fixado Lucy como não fazia há dias.

— *Cuida da Dolly por mim.*

— *Sabes que o farei. — Lucy foi buscar mais uma manta e tapou a mãe enquanto Dolly se aconchegava mais contra o seu corpo débil. À medida que a morte apertava o cerco, a mãe ficava mais ansiosa em relação ao destino da cadela. Tirando Lucy, Dolly era a sua melhor amiga.*

— *Ela detesta estar sozinha.*

*A mãe estremeceu e esforçou-se para recobrar o fôlego. Lucy agarrou no frasco de morfina prescrita pelo médico. Um quantas gotas na língua aliviaram o pânico que acompanhava o desligar do corpo.*

*A mãe estremeceu com um suspiro.*

— *Preciso que tu e a Dolly levem as minhas cinzas para a Virgínia.*

*Lucy e a mãe haviam tido a sua quota-parte de desentendimentos, mas não havia segredos entre as duas, portanto ela pensou que aquela primeira referência ao estado da Virgínia fosse apenas a morfina a falar.*

— *Mãe, tu nunca foste à Virgínia.*

*A mãe esforçou-se por respirar.*

— *Há cerca de um mês, chegou uma carta.*

— *Que carta?*

— *Debaixo do colchão. Vê.*

*Lucy levantou o colchão e encontrou um grande envelope pardo junto a um maço de cigarros amarrotado e ao invólucro de um taco. Há muito que os sermões sobre comer bem e não fumar haviam acabado, por isso ela pegou simplesmente no envelope. A carta tinha sido enviada por Henry Garrison, Cape Hudson, Virgínia.*

— *O que se passa, mãe?*

*A mãe humedeceu os seus lábios pálidos.*

— *Herdei uma propriedade, que agora será tua. Podias ter uma casa de verdade, como sempre desejaste quando eras pequena.*

Uma casa de verdade. Aos vinte e nove anos, ela não sabia o que raio significava isso.

Lucy girou o pescoço tenso para um lado e para o outro, tirou um elástico do pulso e prendeu os cabelos num rabo de cavalo. Porque é que a

mãe não lhe havia falado de Virgínia? Porquê os segredos? A mãe sempre se orgulhara da sua brutal sinceridade. Não tinha papas na língua. Falava sem rodeios, doesse a quem doesse.

— Porquê a mentira? — Lucy apertou o volante com as mãos, desejando poder ter só mais uns minutos com a mãe.

Com frio e fome, e a precisar de fazer chichi, perscrutou a floresta e a erva densa e alta que cobria os cem metros que as separava da água. Abriu a porta do lado do condutor e fez uma careta quando o vento da manhã lhe fustigou a pele.

Incitou a cadela a sair:

— Anda, menina. Sei que precisas de sair. — *Dolly* baixou as orelhas. — Nada disso. É mais fácil para ti do que para mim.

A cadela levantou-se devagar e passou por cima da alavanca das velocidades. Bocejou e saltou para o chão. *Dolly*, que, no entender de Beth, era parte humana, não precisava de trela.

— Não persigas nada. Se te perderes, vais congelar, e eu vou congelar à tua procura.

Avançaram juntas em direção aos juncos. As botas de *cowboy* castanhas de Lucy, embutidas a couro azul-turquesa, chapinhavam no solo mole enquanto ela tentava acompanhar a cadela, que avançava aos saltos, resfolegando no ar gélido, numa explosão de energia que não tinha há semanas.

*Dolly* agachou-se e levantou o focinho para o vento. Farejou e correu ao longo dos juncos.

— Lembra-te do que eu te disse acerca de te afastares. — Lucy levou a mão ao fecho-éclair das suas calças e puxou-as para baixo. O vento açoitava-lhe o traseiro nu e ela fez chichi o mais rapidamente possível. Quando voltou a puxar as calças para cima, já havia perdido *Dolly* de vista.

— Ei, não devemos deixar nenhuma de nós sozinha. Foi isso que combinámos. Anda, menina! Está um gelo!

*Dolly* precipitou-se para a água. Os curtos passeios que dera durante as semanas que passara fechada no apartamento de Beth não haviam sido suficientes. Agora estava livre para seguir o seu faro e estava a adorar.

Lucy cruzou os braços em volta do peito e bateu com os pés.

— *Dolly*, não me faças isto agora. Precisamos de voltar para dentro do carro para nos aquecermos. Prometo-te que mais tarde terás oportunidade de correr.

A cadela ladrou e um pássaro levantou voo dos juncos que se agitaram quando ela os atravessou.

— Guloseima! — gritou Lucy. — *Dolly*, queres uma guloseima?

Os juncos deixaram de oscilar, e a cabeça da cadela emergiu numa clara indicação de que podia ser subornada. Correu para Lucy, de cauda a abanar, quando esta abriu a porta do veículo. Olhou de relance para ela, saltou por cima do lugar do condutor e acomodou-se na manta do lugar do pendura à espera da sua guloseima.

— Estou um pouco parca de guloseimas — disse Lucy, fechando a porta e procurando um saco de *fast-food*. Tirou umas quantas batatas fritas rançosas, que *Dolly* devorou prontamente.

Afagou a cadela entre as orelhas e agarrou num recipiente de toalhetas para as mãos, uma das últimas coisas que havia tirado do apartamento de Beth. Retirou uma toalhita húmida e passou-a lentamente pelas mãos, desfrutando do perfume e imaginando a maneira como Beth lhe costumava limpar as mãos quando era criança. Beth sempre tivera uma predileção por toalhetas. Podiam ter vivido num apartamento de um quarto em East Nashville, mas as suas mãos andavam sempre limpas.

Amarrotou a toalhita dentro da mão e girou a chave na ignição. O motor ligou, gemeu e parou. À segunda tentativa, soluçou e tossiu. Lucy olhou para *Dolly*, que a fitava como se esperasse que ela fizesse algo acontecer.

Lucy inclinou-se sobre o volante, determinada a dar vida ao motor.

— Jipe, não me lixes agora. — Girou a chave. O motor não pegou. O universo havia-lhe reservado azares de sobra nos últimos tempos e, na opinião de Lucy, estava na hora de ter alguma sorte, pelo menos durante algum tempo. Tinha um porto seguro à sua espera e não ia mudar de rumo.

À terceira tentativa, o motor pegou e roncou ruidosamente. Por um momento, ela não respirou nem se moveu, com receio de que o motor voltasse a parar. Quando percebeu que ia aguentar-se, ligou o aquecimento e tanto ela como *Dolly* inclinaram-se para a frente para sentirem o ar quente.

Lucy engatou a marcha-atrás.

— Vamos embora.

A cadela espetou as orelhas e abanou a cauda.

Lucy carregou no acelerador e virou para norte na Route 13, a

estrada principal da península. Inicialmente viu poucos sinais de civilização; depois surgiu um motel com uma dezena de quartos tipo cabana e uma placa luminosa vermelha com QUARTO LIVRE a piscar numa das janelas. Para lá do motel estavam vários tratores avariados, com tabuletas penduradas a dizer VENDE-SE. O primeiro ser humano que ela viu foi um homem de idade, com calças e casaco de padrão camuflado, a apanhar um jornal. Depois passou por um diminuto centro comercial com várias lojas entaipadas.

Abrandonou quando viu a tabuleta CAPE HUDSON, 13 KM e lembrou-se dos blogues que havia lido acerca da vila. Havia sido construída nos finais do século XIX como estação de caminhos de ferro que servia Norfolk e o Nordeste; contudo, existiam concessões de terras do tempo do rei George I e registos de servidão por contrato trazida para a colónia da Virgínia em meados do século XVII. Ruínas de antigas plantações e clubes de caça montavam guarda sobre as águas de Chesapeake.

Os verões eram bastante movimentados por ali, mas não havia hotéis nem chalés suficientes para fazer daquele lugar um grande destino de férias. A população de dez mil habitantes da vila triplicava nos finais de novembro durante os cinco dias do festival anual da ostra. Em janeiro não se passava nada na vila. Como havia escrito um bloguista, «quase todo o comércio fechava». Outro dizia que «era uma terra de potencial inexplorado».

Lucy abandonou e seguiu os sinais de direção que a conduziram a uma estrada ainda mais pequena de acesso à vila.

Segundo o mapa do seu telemóvel, havia duas ruas que seguiam para leste e oeste, e outras duas para norte e sul. Os edifícios eram de tijolo, com um ou dois pisos de altura, e remontavam a uma época em que a vila havia sido um destino de caça relativamente famoso e uma paragem ferroviária.

Havia negócios que satisfaziam os interesses dos turistas, e muitos deles exibiam a placa FECHADO ATÉ MARÇO.

No final da rua principal, Lucy avistou um pequeno restaurante num edifício de tijolo. Já tinha alguns veículos estacionados em frente e era o primeiro sinal de vida real. Lucy estacionou ao lado dos outros. A placa no exterior dizia ARLENE'S.

Uns quantos madrugadores passaram pelo seu jipe amarelo-vivo e olharam para ela e para a matrícula antes de entrarem no restaurante. Ela desligou o motor.

— Espera aqui, menina. Vou buscar comida.

Lucy correu para a porta, abriu-a de um empurrão e ouviu sinetas tilintarem acima da sua cabeça. Foi recebida pelo ar quente, carregado com o aroma a *bacon* e panquecas. Deus, que boa sensação.

Atrás do balcão estava uma mulher de quase cinquenta anos. Os seus cabelos eram de um vermelho-vivo e ela usava uma *T-shirt* preta larga que dizia VOLUNTÁRIO DO FESTIVAL DA OSTRÁ. Na sua placa de identificação podia ler-se ARLENE.

Lucy captou de imediato a sua atenção.

— Bom dia. Queria comida para levar. A minha cadela está no jipe e não tenho combustível suficiente para manter o aquecimento ligado.

A mulher fitou-a por um ou dois segundos, pestanejou e sorriu.

— Querida, traz a cadelinha para aqui. Não estamos na época alta, portanto hoje só cá estão os clientes habituais e tu.

— Tem a certeza? Ela é bastante grande.

— Pessoal, importam-se que esta menina traga a sua cadelinha para aqui?

Quase ao mesmo tempo, os clientes habituais levantaram as suas canecas de café num gesto de aprovação. Arlene pegou numa cafeteira e numa caneca de grés.

— Eu sirvo o café enquanto vais buscar a tua cadela.

— Obrigada.

Lucy saiu rapidamente e encontrou *Dolly* a fitá-la através da janela do condutor. Tinha as orelhas baixas e, pela expressão dos seus olhos, parecia pensar que estava de castigo.

Lucy abriu a porta.

— Deixam entrar as duas. Podemos sentar-nos a uma mesa e desfrutar de uma refeição de verdade. — Prendeu uma trela à coleira de *Dolly* e a cadela saiu do veículo. — Que tal um biscoito de *bacon*? — perguntou a *Dolly*.

*Dolly* abanou a cauda.

Atravessaram a porta do restaurante. As sinetas tocaram e Lucy saboreou de novo a onda de calor que as envolveu. Ela não se havia dado conta do quanto havia ansiado por comida diferente de dónutes polvilhados de açúcar, de hambúrgueres de *fast-food* ou de ovos demasiado passados em pãezinhos doces. E, Deus, precisava de um café.

Manteve *Dolly* junto a si e foi direita à mesa do canto apetrechada com café quente e uma tigela de água no chão. Sentou-se, fechou os dedos

em torno da caneca quente, bebeu um gole do café rico e sentiu-se ganhar uma nova vida. *Dolly* bebeu a água.

O restaurante era comprido e estreito. Havia um balcão de pequeno-almoço cromado ao longo da parede à direita e, do outro lado, oito mesas encostadas a uma parede repleta de dezenas de fotografias a preto-e-branco emolduradas, que retratavam a região ao longo das décadas.

Arlene aproximou-se e voltou a encher-lhe a caneca.

— O Tennessee fica muito longe daqui.

— Catorze horas.

Curvou-se e afagou a cabeça de *Dolly*.

— O que vos traz aqui? Se vieram por causa das ostras, chegaram um bocadinho atrasadas ou então muito adiantadas. E não me parecem caçadoras de patos.

— Viemos à procura de Henry Garrison.

Arlene anuiu com a cabeça e olhou através da montra da frente para um edifício de tijolo do outro lado da rua.

— Bem, ele ainda não acendeu as luzes, portanto não há pressa. E, já agora, todos o tratamos por Hank.

— Eu sabia que íamos chegar cedo, mas estávamos com fome.

— As ementas estão no suporte da parede. Depois diz-me o que queres.

Lucy levantou os olhos e, pela primeira vez em meses, sorriu.

— Obrigada.

A mulher hesitou, inclinou a cabeça e perguntou-lhe:

— Eu conheço-te?

— Eu nunca estive aqui.

Arlene fitou-a como se estivesse a evocar uma lembrança antiga guardada há décadas.

— Mas eu conheço-te.

— Sou Lucy Kincaid. Esta é a *Dolly*. A minha mãe disse-me que ela era desta vila. Beth Kincaid. — Lucy esperava que o nome de Beth trouxesse à memória algum facto que validasse aquela viagem.

Arlene abanou a cabeça, confusa com informação que não encaixava.

— Nunca ouvi falar nos Kincaids. Terás algum outro nome que eu possa conhecer?

— Que tal Jessup?

Arlene riu-se e revirou os olhos, pois o óbvio estava mesmo à sua frente.

— A tua mãe era Beth Jessup, não era?

Lucy pousou a caneca, tamborilando com um dedo nervoso sobre esta.

— Sim.

Arlene estudou Lucy como se estivesse a olhar para uma velha amiga.

— Lembrei-me da Beth Jessup no momento em que entraste aqui. Andámos juntas no liceu. De vez em quando pintávamos a manta por aqui. — Uma juventude redescoberta cintilou-lhe nos olhos castanhos. — Deus do Céu, tenho saudades daquela rapariga. Que diabo anda ela a tramar?

A caneca de café parou a poucos centímetros dos lábios de Lucy.

— Ela faleceu há duas semanas.

O sorriso, provocado por lembranças de Beth, desmoronou-se.

— Lamento, querida.

Lucy endireitou-se um pouco, ainda desconfortável com as palavras.

— Tinha um tumor cerebral. Pediu que eu e a *Dolly* visitássemos a sua terra natal. Que trouxéssemos as suas cinzas.

Arlene aclarou a voz.

— Abençoada sejas. Santo Deus, na minha mente a Beth ainda é uma adolescente estouvada. E agora partiu. Lamento imenso.

A tristeza que Lucy se esforçara por ignorar aflorou de repente.

— Obrigada.

As rugas entre as sobrancelhas de Arlene aprofundaram-se.

— Calculo que estejas aqui por causa do Chalé de Inverno.

As notícias viajavam depressa.

— O Sr. Garrison falou de um chalé. Onde fica?

— Fica mesmo à saída da vila, perto do farol.

— Não faço ideia de onde estou a meter-me.

Arlene enxotou a preocupação dela com um aceno de mão.

— Não te preocupes. O Hank cuidará bem de ti. Quando acabares de tomar o pequeno-almoço, ele já vai estar sentado à secretária. É uma pessoa madrugadora. Então, o que posso trazer-vos?

— Vou optar pelas panquecas — disse Lucy. — E *bacon* extra para a *Dolly*.

— Claro. Vou já tratar do teu pedido.

— Obrigada.

O sorriso da mulher era caloroso, genuíno.

— Caramba, é um gosto ter a filha da Beth aqui na vila.

Beth era ainda adolescente quando tivera Lucy. Nunca havia falado em Cape Hudson, mas podia ser que os habitantes locais pudessem esclarecê-la sobre a vida da mãe antes de esta se mudar para Nashville.

Enquanto esperava o seu pedido, chegaram mais pessoas para tomar o pequeno-almoço. Agora estavam vários homens mais velhos sentados ao balcão, a comer e a falar baixinho. Um casal de mais idade sentou-se numa mesa contígua à dela. Lucy apanhou alguns olhares curiosos na sua direção.

As panquecas e o *bacon* chegaram, e ela deu várias fatias a *Dolly* antes de dar a sua primeira dentada. As panquecas eram macias e amanteigadas e Lucy não conseguia recordar-se da última vez que se havia sentado a uma mesa e comido. A maior parte das refeições era tomada na cozinha atrás do balcão, e em casa de Beth não havia mesas. Beth não era fã, optando sempre por se sentar no chão e comer de uma tigela.

A porta do restaurante voltou a abrir-se mais algumas vezes, deixando entrar rajadas de ar frio. O restaurante estava quase cheio.

Arlene aproximou-se dela e pousou um recipiente branco para levar comida.

— *Bacon* extra. É bom ver que as meninas têm apetite de verdade. A propósito, a vossa conta está paga.

— Quem pagou? — perguntou Lucy.

— Considera-o um presente de boas-vindas.

Arlene tinha um sorriso caloroso e conhecia Beth, o que levou Lucy a perguntar:

— A minha mãe nunca me falou deste lugar. Sabe porque é que ela se foi embora?

— Nunca ninguém soube. Um dia estava aqui, mas na véspera da entrega dos diplomas já não estava. Eu tinha a certeza de que ela voltaria. Durante todo o liceu, era nosso costume partilhar uma cerveja na praia às sextas-feiras, depois dos jogos de futebol. Eu devo ter mantido a sexta-feira livre durante um ano, até finalmente me dar conta de que ela não ia voltar. — Um cliente chamou Arlene e ela abanou a cabeça. — Senti muito a falta daquela rapariga.

Arlene virou-se para o outro cliente que falava baixinho e olhava esporadicamente para Lucy.

— Somos o assunto de todas as conversas — sussurrou Lucy a *Dolly*.

As duas comeram em silêncio durante quase vinte minutos, cientes de mais olhares. Por cada dentada que dava, Lucy dava dois pedaços a

*Dolly*, e o seu prato ficou vazio em pouco tempo. Tirou uns quantos dólares do bolso para Arlene e enfiou-os debaixo do saleiro e do pimenteiro.

Sentiu de novo os olhares curiosos enquanto saía com *Dolly* do restaurante. As luzes do escritório do Sr. Garrison ainda estavam apagadas, de modo que Lucy levantou a gola do casaco, desceu com *Dolly* a rua principal e atravessaram as dunas até à praia. Em teoria, um passeio na areia era uma boa ideia, mas o vento frio atravessava o mar, trespassava-lhe o casaco e penetrava-lhe os ossos.

Quando voltaram a subir a rua principal, Lucy apercebeu-se de que as luzes do escritório do Sr. Garrison estavam acesas.

— Aqui vamos nós.

CAPÍTULO  
TRÊS



Lucy

*15 de janeiro de 2018*

Lucy e *Dolly* subiram os três degraus de pedra que conduziam à entrada do edifício azul de dois pisos na rua principal, em frente do restaurante. Lucy dirigiu um olhar rápido à tabuleta que dizia GARRISON & ASSOCIATES, LLC e encontrou a porta destrancada.

A receção estava adornada com um tapete oriental, paredes pintadas de verde-escuro e quatro quadros grandes que retratavam a baía nas diferentes estações. Havia uma secretária de rececionista, mas parecia não ser usada há algum tempo. Lucy curvou-se e sacudiu a areia das patas de *Dolly* enquanto limpava os seus pés no capacho.

— Dá licença? — disse ela, fechando a porta atrás de si. Como não obteve resposta, encaminhou-se para as escadas e gritou: — Sr. Garrison?

Soaram passos no primeiro andar e depois nas escadas. O homem que apareceu era magro, tinha bem mais de um metro e oitenta de altura e pouco mais de trinta anos. Os curtos cabelos escuros, ainda húmidos do duche, estavam penteados para trás, deixando expostas as acentuadas feições angulosas. Vestia umas calças caqui com vincos tão firmes como o seu olhar e uma camisa branca engomada com as mangas arregaçadas até aos cotovelos. Se Beth ali estivesse naquele momento, teria dito que ele tinha a aura de uma alma antiga.

Ele olhou-a fixamente, como se procurasse alguma explicação para a tatuagem do rouxinol que ela tinha no interior do pulso, a madeixa azul nos seus cabelos louros e o elástico de contas vermelhas e azuis que usava no outro pulso.

— Lucy Kincaid.

— A Arlene já lhe ligou do restaurante, não foi?

— Sim. Bem-vinda, sou Hank Garrison. Quando chegaste de Nashville?

— Esta noite.

— Onde pernoitaram? — *Dolly* aproximou-se e ele estendeu a mão e permitiu que lhe cheirasse os dedos.

— No meu jipe.

Ele abanou a cabeça e franziu o sobrolho.

— Fez frio esta noite. — *Dolly* lambeu-lhe os dedos e deitou-se no tapete caro.

— Pois fez. Importa-se que a cadela fique aqui? Está frio.

— Claro, não tem problema. — O homem inspirou enquanto continuava a estudá-la, e depois disse com genuína tristeza: — Lamento a tua perda.

Por alguma razão, aquela simples afirmação aumentou o sentimento de perda de Lucy.

— Obrigada.

— Como estão a aguentar-se as duas?

— Deixei a tristeza na Bay Bridge-Tunnel esta noite. — Beth não queria que ela se agarrasse ao sofrimento e *Dolly* não precisava dessa má energia. Agora só precisava de arranjar uma maneira de se libertar de vez da dor.

Garrison aclarou a voz.

— Trouxeste os documentos que eu pedi?

Ele havia deixado bem claro ao telefone que Lucy teria de fazer prova da sua identidade antes de poder falar com ela. Ela não havia conseguido encontrar a certidão de nascimento, por isso solicitara uma cópia no conservatório do registo civil, quando fora tratar da certidão de óbito de Beth. No documento, Elizabeth Kincaid Jessup constava como sua mãe. O pai era «incógnito».

Lucy abriu a sua pasta e retirou um monte de folhas.

— Aqui estão as certidões, bem como as cartas que enviou.

— Muito bem. Pensava que, depois de a tua mãe me ter ignorado tantas vezes, tu fizesses o mesmo. — Analisou os documentos, particularmente a certidão de nascimento.

— A minha mãe nunca me falou deste lugar nem de si. Mas talvez possa elucidar-me. Também gostaria que me ajudasse com a questão do pai «incógnito» na minha certidão de nascimento.

— Vem até ao meu escritório. — Atravessaram o pequeno *hall* até ao gabinete contíguo e Garrison abriu a porta e acendeu as luzes. *Dolly* e Lucy entraram e ele fez sinal para que ela se sentasse, enquanto ele se sentada à secretária. *Dolly* adormeceu junto à cadeira de Lucy.

O gabinete estava mobilado com gosto. A secretária de mogno maciço parecia antiga, tal como a alta cadeira de couro atrás da mesma e as duas cadeiras menores para as visitas. Havia um diploma de licenciatura em Ciências Políticas, da Universidade de Richmond, e uma fotografia de Garrison com três homens da mesma idade, todos com uniformes da Marinha.

— Foi fuzileiro naval? — perguntou ela.

— Sim.

— É impossível trabalhar num dos bares de música *country* de Nashville e não conhecer os ramos das Forças Armadas. As gorjetas aumentam quando se canta a plenos pulmões o hino adequado. Posso cantar o dos fuzileiros navais neste preciso momento, se isso servir para quebrar o gelo.

Garrison esboçou um leve sorriso.

— Obrigado, não é necessário.

— Que pena. Sou bastante boa. *Semper fidelis*.

A última vez que Lucy havia estado num escritório semelhante àquela fora para tratar de uma questão com o senhorio de Beth, que havia tentado uma ação contra ela por seis meses de renda em atraso. Enquanto cossignatária do contrato de arrendamento de Beth, ela fora obrigada a abrir mão das suas últimas poupanças para evitar um processo legal.

— Quanto à identidade do teu pai... A tua mãe nunca te falou no testamento da Sra. Catherine Buchanan?

— A primeira vez que a minha mãe falou em Cape Hudson foi há poucos dias, antes de morrer. Eu ter-lhe-ia pedido detalhes, mas ela entrou em coma.

— *Quero ir para a minha terra, Lucy. Para a Virgínia.*

— *Porquê a Virgínia? A tua terra é Nashville.*

— *Não. Virgínia.*

O peso daquelas palavras havia derrubado a primeira peça do dominó.

— A Beth sempre me disse que tinha nascido em Nashville. Era do Tennessee dos pés à cabeça, costumava ela dizer. Sinceramente, ainda não estou convencida de que o senhor tenha encontrado a Beth Kincaid certa.

— Jessup — acrescentou ele sem hesitação.

— Um nome que ela nunca usava. Ela sempre foi Beth Kincaid.

— Salvo na tua certidão de nascimento, Lucy.

— Sabe mais sobre mim do que eu mesma. Devo dizer que isso é bastante inquietante, Sr. Garrison.

Mais uma vez, os seus olhos atentos procuraram profundidade e sentido enquanto um músculo lhe palpitava no maxilar.

— Elizabeth Kincaid Jessup cresceu em Cape Hudson. O seu pai viveu os últimos anos de vida perto do Chalé de Inverno.

— O seu pai?

— Samuel Jessup. Casou-se com Donna Kincaid, tua avó, em 1968.

Lucy recostou-se, batendo levemente com um dedo no braço de mogno da cadeira, enquanto tentava assimilar tudo com calma.

— O teu avô faleceu no ano passado e foi por isso que entrei em contacto com a tua mãe.

Saber de Samuel e Donna, seus parentes de sangue e perfeitos desconhecidos, abriu um buraco no coração de Lucy. Ela passou os dedos pelos cabelos, sem saber se estava grata por finalmente preencher aquele vazio na sua vida, ou furiosa por Beth lhe ter mentido. Optou pela fúria, porque era menos doloroso estar furiosa do que triste.

— A minha mãe tinha irmãos ou irmãs?

— Os teus avós tiveram um filho antes da tua mãe, mas este faleceu com poucos meses de vida. Donna Kincaid Jessup morreu em 1984, quando a tua mãe tinha por volta de catorze anos.

— Os meus avós tinham irmãos? Existem pelo menos primos afastados?

— O teu avô vinha de uma família com cinco filhos. Portanto, tens uns quantos primos em segundo grau.

— Onde estão eles?

— Alguns moram na vila, mas a maioria foi-se embora daqui.

No terceiro ano de escola, a professora de Lucy havia mandado os alunos desenharem uma árvore genealógica com os pais. Beth insistira que eram só as duas, por isso Lucy havia desenhado apenas um tronco com um único ramo. E havia-se dado por satisfeita até perceber que os desenhos dos seus colegas estavam repletos de ramos.

— Fui informada de que existe uma herança chamada Chalé de Inverno.

— A herança vem da Sra. Catherine Hedrick Buchanan. — Garrison

fixou os seus penetrantes olhos verdes nos dela, esperando que ela reconhecesse um nome que presumia que lhe fosse familiar.

— Se está à espera de ver se o nome me diz alguma coisa, lamento. Não conheço. Terá de começar pelo princípio.

— A Sra. Buchanan era proprietária do Chalé de Inverno e quis que o teu avô, a tua mãe e agora tu, ficassem com a casa.

— Qual era a relação da Sra. Buchanan com o meu avô?

— Não sei. O teu avô era marinheiro da marinha mercante e só se reformou aos oitenta anos. Isso foi em 1996. Segundo a família, a Sra. Buchanan ofereceu-se para mandar o teu avô para a universidade, mas ele recusou. Fez uma oferta semelhante à tua mãe, mas ela também recusou.

— E porque é que essa mulher era o anjo da guarda da família Jessup?

Quantas vezes lhe dissera a mãe que a faculdade, principalmente o curso de Belas Artes, era um desperdício de dinheiro? Lucy sempre pensara que essa atitude tivesse que ver com dificuldades económicas. Pelos vistos, não.

Os professores de Lucy sempre haviam dito que ela tinha potencial, mas, no final, as suas notas tinham sido demasiado medianas para uma bolsa de estudo. Nos primeiros anos após o liceu, ela havia tentado poupar dinheiro para a universidade, mas sempre que a sua conta no banco crescia, algo corria mal. Avaria da caixa de velocidades do carro. Apendicite não coberta pelo seguro. Beth de novo com dificuldades para pagar a renda. Tudo isso corroía as suas economias. Aos vinte e poucos anos havia já construído uma boa reputação como empregada de bar em Nashville. A vida seguira o seu rumo. Ela desenhava quando podia e a universidade ficara para trás.

— Quando morreu a Sra. Buchanan? — perguntou ela.

— Em março de 1990, aos cento e um anos.

— Cerca de um ano depois de eu ter nascido.

— Sim.

— Quando é que contactou a minha mãe pela primeira vez? — perguntou ela.

— No ano passado, logo a seguir ao falecimento do teu avô. Depois de ela ter ignorado todas as minhas cartas, consegui finalmente falar com ela, por telefone, há quatro meses. Ela disse que talvez tu quisesses o que a Sra. Buchanan estava a oferecer e pediu-me que reenviasse os documentos.

— Não fazia ideia. — Mais magoada do que surpreendida, Lucy afo-  
gou a cabeça de *Dolly*. — É muita coisa para assimilar, Sr. Garrison.

— Eu sei.

Lucy pensou nos olhares de que fora alvo no restaurante.

— A Beth deve ter deixado marca. Recebi muitos olhares ao  
pequeno-almoço.

— A tua mãe era difícil de esquecer. Os meus pais foram seus colegas  
de liceu e recordam-se bem dela.

— Fez-lhes perguntas sobre ela?

— O meu pai disse que toda a gente tem uma história da Beth.

Lucy sentia que tinha chegado quinze minutos atrasada ao cinema  
e estava com muita dificuldade em identificar as personagens do filme.

— Qual era a história dele?

— Quando andavam no décimo ano, ela convenceu meia dúzia de  
alunos a faltarem às aulas. Foram de carro até Norfolk e passaram uma  
tarde inteira a comer gelado e a divertirem-se na praia. O xerife da vila,  
que queria marcar a sua posição, estava à espera deles na ponte quando  
regressaram a casa. Com luzes e sirenes, forçou-os a parar, e todos fica-  
ram com medo, à exceção da Beth. Ela riu-se quando o xerife começou  
a repreendê-los e, graças a isso, ganhou uma boleia no branco traseiro  
do carro-patrolha até à esquadra, onde ficou presa algum tempo. Saiu  
poucas horas depois e todos os miúdos ficaram a achar que ela era fixe.

— Isso resume a minha infância. Ela nunca foi pessoa de seguir re-  
gras. A Arlene contou-me que ela se foi embora na véspera da entrega  
dos diplomas. Até eu consigo fazer as contas. Ela estava grávida de mim.

— Sim.

— Sabe quem é o meu pai? — Foi a sua vez de o olhar fixamente e  
esperar uma resposta.

Ele nem pestanejou.

— Não sei.

Continuando a fitá-lo, Lucy tentou ler-lhe o pensamento.

— Pode falar-me mais do Chalé de Inverno?

— Foi construído em 1901 e era habitado durante a época de caça.  
O Sr. George Buchanan, sogro da Sra. B, construiu a casa para Elizabeth  
Lawrence porque ambos gostavam de caçar patos. Ela foi sua amante du-  
rante anos, mas casaram-se em 1916.

— Um chalé de caça. Imagino tapetes de pele de urso, chifres e muita  
madeira escura.

— Não exatamente. Terás de ver para crer. A casa vem acompanhada de cento e vinte hectares de costa da baía com vários pontos de acesso à água. A minha família arrendou quarenta hectares ao Estado por um período de quarenta anos. Gerimos a Vinha do Farol.

— Uma casa com terreno. É melhor do que um jipe e os últimos cem dólares que tenho no bolso.

O Sr. Garrison fletiu os dedos como se estivesse prestes a dizer algo desagradável.

— A herança tem condições.

— É óbvio que sim. Que condições?

— Todo o dinheiro da herança terá de ser usado para reformar e manter a casa. Só poderás ter acesso a esses fundos depois de teres vivido trinta dias na propriedade.

— O meu avô morou na casa?

— Viveu lá trinta dias e depois mudou-se para o chalé dos hóspedes da propriedade. Fez uma boa manutenção, mas não fez qualquer reforma para além de ter substituído o telhado da casa.

— O que se passa com o Chalé de Inverno? Porque é que a minha mãe e o meu avô não o quiseram?

— É velho. Tem correntes de ar. E cuidar de uma casa assim exige dedicação.

— E se eu decidir que não quero a casa, fico sem nada.

— Correto. Nesse caso, o dinheiro para a reforma da propriedade irá para o herdeiro descendente de Victoria, filha de George Buchanan. O que também é estranho, visto que antigamente a herança costumava seguir os filhos, não as filhas.

— E a Sra. Buchanan? Não teve filhos?

— Teve um filho, que faleceu em 1974. Os seus herdeiros não constam do testamento.

— Porquê?

— Não faço ideia.

Beth costumava dizer que a riqueza só trazia problemas, e Lucy estava a começar a ver uma certa lógica nisso.

— Nada disto faz sentido.

— Pois não.

— Quem é o familiar que fica com o esse Chalé de Inverno, se eu recusar?

— Eu.

— O senhor?

— Victoria era minha bisavó.

Lucy bufou de frustração.

— Então, se eu ficar trinta dias numa casa centenária, depois tenho o privilégio de a reformar?

— Sim.

— Posso vendê-la?

— Não.

— Quanto dinheiro há para a reforma?

— Quinze milhões, mas lembra-te de que o dinheiro será sempre para a casa.

Ela pestanejou e recostou-se na cadeira.

— Quinze?

— Correto.

— Caramba. — Lucy não sabia se havia de desmaiar ou vomitar.

Garrison inclinou-se para a frente, batucando levemente com a ponta de uma caneta no mata-borrão.

— Estou preparado para te fazer uma oferta em dinheiro, se renunciasses à herança.

— Quer ficar com o chalé?

— E o terreno envolvente.

— Mas teria de utilizar o dinheiro na casa.

— Sim. Os quinze milhões estarão sempre vinculados à casa.

— Quanto está disposto a oferecer?

— Cinquenta mil dólares.

Ela nunca vira tanto dinheiro na vida. Mas, por mais que se sentisse tentada a aceitar o dinheiro e desaparecer, tinha ouvido bastantes negociatas na Cidade da Música<sup>1</sup> para saber que a primeira oferta raramente era a melhor.

— Posso ver esse Chalé de Inverno?

— Posso levar-te lá agora. Vamos no meu carro.

— Sigo-o no meu. A *Dolly* larga muito pelo.

— Está bem. Tenho o carro estacionado aqui em frente.

— Eu tenho um jipe amarelo.

— Eu sei. A Arlene já me disse — disse ele.

Lucy havia chegado apenas há algumas horas e já tinha mais pistas para o seu passado do que Beth lhe havia fornecido toda a vida. A ideia de

---

<sup>1</sup> Nashville é conhecida como a «Cidade da Música». (N. de T.)

desenterrar aquele tesouro de informação deixou-a subitamente inquieta e ansiosa por respirar ar fresco.

Esperou com *Dolly* que Garrison desligasse as luzes do escritório e fosse buscar as chaves e o casaco. Lucy gostou da sensação do vento frio e refrescante nas faces ruborizadas enquanto se dirigia apressadamente com *Dolly* para o jipe. *Dolly* percebia que algo de emocionante se passava. Raramente lhe escapava alguma coisa.

Garrison trancou a porta do escritório depois de sair e sentou-se ao volante de uma velha *pick-up* estacionada em frente. Fez sinal com a mão e avançou para a rua principal. Lucy engrenou o jipe e girou a chave. O motor gemeu e soluçou.

— Não me façam isto agora! — Debruçou-se sobre o volante, esperando outra vez que peças de metal e borracha pudessem ser persuadidas com súplicas e força de vontade. — Por favor, porta-te bem. Só preciso de mais uns quilómetros.

O motor não pegou.

*Dolly* ladrou e Lucy levantou os olhos para ver o Sr. Garrison a avançar a passos largos na direção do jipe. Abriu a janela.

— É um milagre que tenha chegado até aqui — disse ela. — O velho-te desistiu simplesmente.

— Vocês duas podem vir na minha *pick-up* — disse ele. — Não há problema se a *Dolly* largar pelo.

— Obrigada. — Lucy agarrou nas chaves, na urna da mãe e na trela de *Dolly*, e as duas sentaram-se no banco da frente da carrinha. — Não se importa que eu leve também a Beth, pois não?

— De todo.

A carrinha dele estava impecável, o que era próprio de um tipo apurado como ele.

— Há quanto tempo regressou à vila?

— Seis meses.

— Apenas os factos, Joe Friday? — Lucy pousou a urna no chão, entre os pés.

Um sorriso curvou-lhe os cantos da boca.

— Sim.

— Parece-me justo.

Garrison atravessou a vila e regressou à estrada principal. Virou à esquerda e seguiu para norte. Lucy tentou uma vez encetar conversa, mas ele não estava interessado.

Enquanto atravessavam a planície coberta de terrenos cultivados, ela perguntou-se o que diabo teria aquele lugar de tão terrível. Beth havia seguramente lidado com o seu quinhão de personagens duvidosas enquanto tentava progredir na indústria da música. Então porque é que um lugar como aquele a havia afugentado?

À medida que a paisagem se tornava mais desértica, Lucy deu-se conta de que, na realidade, não conhecia aquele sujeito. Não tinha auto-colantes no para-choques traseiro da carrinha nem documentos espalhados pelo escritório que lhe dissessem alguma coisa sobre ele. Seria uma verdadeira chatice fazer aquela viagem toda para acabar morta por um assassino em série. Ele teria certamente motivo.

Certo, ela pensava sempre nos piores cenários. Passara a maior parte da infância a imaginá-los e a resolvê-los. Era bom estar preparada quando se tinha a espontânea Beth Kincaid, também conhecida por Beth Jessup, como mãe.

Acariciou a cabeça de *Dolly*. A cadela olhou para ela e agitou a cauda. Pelo menos a cadela não parecia ter más sensações acerca de Garrison.

A carrinha abrandou no que parecia ser o meio de nenhures e virou para oeste numa estrada de gravilha parcialmente pavimentada. Ela levava o velho gás-pimenta no fundo da sua bolsa, mas estaria morta antes de o encontrar. Então, se ele tentasse matá-la, ela gritaria e mandaria *Dolly* fugir.

*Dolly* bocejou.

Garrison engatou uma velocidade abaixo e desacelerou sobre a estrada acidentada.

— Há uns cinquenta anos, a península foi atingida por um furacão — disse ele. — A estrada ficou completamente destruída e demorou quase um ano a ser reparada. O Chalé de Inverno também passou a ser conhecido por Casa da Estrada Desfeita.

As frases dele estavam a tornar-se mais longas. Já estava quase um tagarela. Garrison voltou a reduzir a velocidade quando se aproximaram do que parecia ser um caminho de terra batida que atravessava umas árvores altas. Embrenharam-se mais na floresta. Ali não havia nada.

A linha de árvores deu lugar a um amplo pedaço de terreno que se estendia por mais de um quilómetro até à baía. Estava coberto de filas de videiras cinzento-acastanhadas cuidadosamente aparadas e enroscadas em latadas.

— Não sabia que era possível cultivar uvas aqui.

— As videiras gostam de condições agrestes.

O veículo levantava poeira enquanto avançava em direção à casa branca de dois pisos rodeada de árvores sacudidas pelo vento. A erva em torno da casa estava aparada, mas não havia nada que se assemelhasse a um jardim.

A casa tinha um amplo alpendre dianteiro com janelas do chão ao teto manchadas de sal. O telhado de estanho vermelho estava velho e deteriorado devido à ação do tempo. Uma solitária cadeira de baloiço, acinzentada pelas condições atmosféricas e pelo passar do tempo, balançava suavemente ao sabor da brisa.

Garrison prosseguiu.

— A casa não é aquela?

— Não, aquela é a velha casa de hóspedes onde vivia o Sr. Jessup. No ano passado sofreu um incêndio, por isso não está propriamente habitável. O Chalé de Inverno fica um pouco mais adiante.

— Sr. Garrison, isto está a começar a assustar-me.

Ele franziu o sobrolho.

— Porquê?

— Não sei. Estou no meio de nenhures. Com um desconhecido. Assassinos em série. Tenho mais umas sete ou oito razões, se tiver tempo para as ouvir.

— Não sou um assassino em série.

— Isso é o que todos dizem.

A preocupação e a inquietação dela pareciam surpreendê-lo. Garrison estacionou no meio do caminho, desligou o motor e virou-se para ela.

— O Chalé de Inverno fica cem metros adiante, depois daquela curva. Fica mesmo na baía.

— Não podemos ir até lá de carro? Ah, é verdade, a estrada desfeita. Ignorando a observação sarcástica, ele disse:

— Uma tempestade de inverno no mês passado encharcou o caminho de acesso à casa. Temos estado à espera de que seque, para que possa ser reparado nos próximos dias. Por enquanto, temos de ir a pé.

— Certamente. — Sem saber como reagiria a cadela num novo ambiente, Lucy agarrou na trela de *Dolly* e na urna da mãe e saiu. O vento fustigou-a de novo, levando todo o calor do aquecimento da carrinha.

— A casa é uma responsabilidade — disse Garrison.

— E eu não tenho cara de quem dá conta do recado?

— Eu não disse isso.

— Mas estava a pensar.

Garrison tirou um conjunto de chaves espessas do bolso e avançou estrada a fora, levando-a para lá de sulcos profundos escavados pelas fortes chuvadas.

— Como é que a vinha reagiu à tempestade? — perguntou ela.

— Bem. Na verdade, esperamos poder plantar mais, mas ainda não conseguimos negociar um novo contrato de arrendamento de longa duração do terreno.

— Está à espera de quê?

— De ti.

As rajadas pareciam empurrá-la em direção à água. No meio da erva vergada pelo vento, Lucy imaginou ouvir sussurros e pensou em Beth. Pôs-se à escuta e apertou um pouco mais a urna contra si, esperando por respostas. Mas não obteve nenhuma. Típico de Beth. A mãe ia obrigá-la a trabalhar para isso.

*Dolly* parou várias vezes para farejar todos os odores novos. Depois bufou como se alguma coisa na brisa lhe tivesse despertado os sentidos.

A estrada aplanou finalmente. Os ramos das árvores, vergados por anos de ventos vindos da baía, pendiam sobre a estrada como se fossem amantes tentando dar as mãos. Mais adiante, Lucy ouvia o batimento das ondas contra a costa.

Quando dobraram a última curva, ela deparou com uma grande casa de estilo provençal. Pintada de amarelo-claro, era elegante e simples ao mesmo tempo. Tinha três pisos, era feita de tijolo e ostentava vinte janelas altas na frontaria. No centro tinha uma grande porta de madeira. Havia tabuletas a assinalar PROPRIEDADE PRIVADA.

— Onde está o chalé?

— Estás a olhar para ele.

— Esta casa deve ter, no mínimo, uns mil metros quadrados — disse ela.

— Mil e quinhentos.

Lucy aconchegou-se mais no casaco.

— Quem decidiu chamar «chalé» a isto?

— Para os Buchanans, era um chalé. As suas outras casas, em Nova Iorque e em Newport, Rhode Island, tinham o dobro do tamanho.

Lucy tentou imaginar Beth ali, mas não conseguiu. A mãe que recordava havia estado no palco de um fumarento bar de música *country*,

a cantar uma velha canção de Dolly Parton, ou sentada à sua mesinha na Baixa de Nashville, a ler cartas de tarô aos turistas. Quando pensava em Beth, Lucy via luzes néon, bem diferente daquele lugar frio e desértico que parecia tão *permanente*.

Garrison encaminhou-se para a larga porta da frente e enfiou uma das chaves na velha fechadura. Girou-a com movimentos rápidos para um lado e para o outro, como se tentasse apanhar-lhe o jeito, até se ouvir o clique de uma lingueta.

Abriu a pesada porta, entrou e acendeu uma lâmpada que emitiu um pálido anel de luz junto da porta.

O *hall* da entrada principal atravessava a casa até a uma série de janelas com vista para a baía. Densas nuvens de chuva, remanescentes da tempestade da noite anterior, deslocavam-se pesadamente rumo a noroeste, arrastando consigo águas agitadas coroadas de branco. Ainda assim, a vista era espetacular. Lucy imaginava que, num dia de céu límpido, seria certamente de cortar a respiração.

Os seus passos ecoaram quando ela atravessou a casa escura em direção à fiada de janelas. Pousou a urna de Beth numa pequena mesa e sentiu um arrepio percorrer-lhe os ombros no momento em que *Dolly* baixou as orelhas.

Deslizou os dedos pelas contas de oração vermelhas e azuis de Beth, que usava em torno do pulso. Se a mãe estivesse a ler-lhe as cartas naquele momento, teria tirado a carta da torre. Destruição. Confusão. Agitação. Sim, havia tido tudo aquilo naquele dia.

O ar no interior da casa era bafiento e o pó dançava nos raios de luz. À sua direita havia uma grande escadaria e, à esquerda, uma sala de jantar formal. A mobília da sala de jantar estava coberta de lençóis brancos e nas paredes restavam apenas ténues contornos dos quadros que as haviam adornado.

Aquele lugar era de um outro tempo. Não havia restaurantes da moda nas redondezas. Não era possível ir a pé tomar um café, nem entrar num bar para ouvir o mais novo talento de música *country* a aperfeiçoar a sua arte. O tempo tinha parado pura e simplesmente. Era surreal.

— Pronta para conversar sobre a minha proposta? — perguntou Garrison.